



A práxis política democrática de Paulo Freire frente o obscurantismo na contemporaneidade

 Valdirene Eliane Bailon de Souza*
 José Márcio Silva Barbosa**

Resumo: Neste artigo objetivamos discorrer sobre a vida e obra de Paulo Freire, abordando a importância de suas contribuições enquanto gestor, função pouco difundida publicamente, e educador/filósofo da educação, ao se basear no respeito, na generosidade e no espírito altamente democrático para manifestar seus ideais. Para tanto, no que diz respeito à metodologia adotada, realizamos um levantamento teórico - bibliográfico sobre a temática, caracterizando o estudo como qualitativo. Assim, concluímos que a gestão democrática exercida/defendida por Freire é atemporal, sendo valioso perpetuar sua obra por meio de reflexões e interpretações, como as propostas no presente texto, sobretudo em tempos tão difíceis.

Palavras-chave: Legado freiriano, Práxis política, Gestão democrática, Obscurantismo.

The praxis democratic policy of Paulo Freire facing the darkness in contemporary

Abstract: In this article, we aim to discuss the life and work of Paulo Freire, addressing the importance of his contributions as a manager, a role that is not publicly known, and educator/philosopher of education, based on respect, generosity and a highly democratic spirit to express his ideals. Therefore, with regard to the adopted methodology, we carried out a theoretical - bibliographical survey on the subject, characterizing the study as qualitative. Thus, we conclude that the democratic management exercised/defended by Freire is timeless, and it is valuable to perpetuate his work through reflections and interpretations, such as the proposals in this text, especially in such difficult times.

Keywords: Freirian legacy, Political praxis, Democratic management, Obscurantism.

* Mestra em Educação pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutoranda na linha de pesquisa Famílias, Políticas Públicas e Desenvolvimento Humano e Social pelo programa de Pós-graduação em Economia Doméstica da UFV. E-mail: vbailondesouza@gmail.com

** Doutor em Educação pela UFMG, Mestre e Especialista em Educação pela UFV. Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) na Unidade de Divinópolis. Graduado em Ciências Econômicas (UFV) e Pedagogia (UNINTER). E-mail: jmarciosb@yahoo.com.br



Introdução

No presente texto, discorreremos sobre a vida e a obra de Paulo Freire, dando destaque ao seu papel de gestor democrático, que gerou, e ainda gera, significativa contribuição para a educação brasileira.

Nesse cenário, julgamos pertinente abordar o legado de Paulo Freire, que completaria 100 anos de vida, em 19 de setembro de 2021, salientando suas contribuições valiosas concernentes a uma gestão democrática, a serviço do povo, cuja educação era defendida sob preceitos da conscientização do indivíduo em sua própria realidade, algo totalmente adverso ao contexto que vivenciamos na atualidade.

A primeira experiência de Freire como gestor político/democrático teve início no Setor de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI), onde teve contato com vários trabalhadores, o que o levou a desenvolver projetos inovadores na área de educação. Como exemplo, citamos o envolvimento das famílias com os profissionais da educação, através da criação de grupos de discussões sobre a relação entre família e escola. Adicionalmente, mencionamos a implementação do segmento de Educação de Jovens de Adultos (EJA). Trata-se, portanto, de uma fase fundamental para o desenvolvimento político-pedagógico de Freire, quando o educador começou a compreender a classe trabalhadora, por meio de suas experiências de vida.

Enquanto Secretário do Governo de São Paulo, Freire passou a defender o fomento às escolas públicas, popularizando e democratizando o ensino para todos(as), além de reacender discussões sobre o analfabetismo, os currículos e a valorização do magistério. Sob tais premissas, Gadotti (2004) afiança que o Nordeste brasileiro e seu povo foram diretamente beneficiados pelos ideais de Paulo Freire, pois, até os anos 1960, grande parte da população analfabeta era oriunda dessa região, havendo uma dissimulada “cultura do silêncio”. Desse modo, “era preciso dar-lhes a palavra para que transitassem para a participação na construção de um Brasil, dono de seu próprio destino, que superasse o colonialismo” (Gadotti, 2004: 32).

Nessa perspectiva, evidenciamos a gestão democrática exercida por Freire, que contrapõe o Bolsonarismo, corrente política baseada no governo e na alta sociedade. Reconhecer que esse fenômeno existe é ter ciência sobre uma política autoritária, que propaga as chamadas *Fake News*, e controla cargos de confiança para não serem investigados, por meio das “rachadinhas”, agredindo, assim, o legislativo e o judiciário. Tal governo incita a violência, não preza pelo diálogo democrático e ainda zomba dos que são contrários às suas aspirações.

Além disso, não podemos deixar de mencionar sobre o difícil momento pandêmico, decorrente da doença infecciosa causada pelo novo Coronavírus (Covid-19), que traz como consequência várias adversidades, incertezas e crises nos âmbitos da saúde, da política e da economia. Como agravante, o atual governo não se mostra capaz de atender as suas demandas, tampouco oferecer segurança à sociedade.

Diante de tais circunstâncias, observamos a falta de suporte para lidar com a fragilidade do momento, considerando a vulnerabilidade da classe trabalhadora, que está sempre nos primeiros lugares da fila de desamparo no que diz respeito às questões educacionais, econômicas, sociais e culturais. Por essas razões, não devemos nos calarmos, visto que ainda vivemos em um Estado Democrático de Direito e ser crítico é o que a educação libertadora e conscientizadora de Freire sempre enfatizou, desde o início da sua trajetória.

Diante desses apontamentos, questionamos se é possível combater tal obscurantismo vivenciado na contemporaneidade. Entretanto, acreditamos nas possibilidades oferecidas por uma gestão democrática que dialogue com o povo e busque solucionar suas principais necessidades, por meio de incentivos à educação/ciência como forma de contribuição para uma transformação social mais realista, que atinja, futuramente, o comportamento humano daqueles(as) que no momento não vivem e não pensam no coletivo, ou seja, não consideram a situação do “outro”.

Desta forma é importante considerar, ao se propor a conhecer algum aspecto da realidade, é possível dar mais vitalidade à educação em particular,

o que segundo Freire (2001), homens e mulheres que desfrutam de uma educação com sentido, imbuída de conhecimentos científicos, humanísticos e culturais, se tornam independentes e livres para explorarem seu mundo, de forma a questionarem o que lhe é oferecido pela esfera governamental, tornando-se resistentes pela luta de seus direitos ao longo de sua existência.

Como percurso metodológico adotado para a realização deste artigo, utilizamos o estudo de cunho qualitativo, efetuando a leitura de livros, artigos científicos, leis e decretos que abrangem a vida na gestão política/educacional de Freire, em contraposição ao contexto em que vivemos - uma gestão antidemocrática, autoritária, obscurantista e negacionista, que não valoriza o que não é de interesse na sua pirâmide do poder.

Dessa forma, estruturamos o texto da seguinte forma: no primeiro tópico, delineamos algumas contribuições de Paulo Freire frente a uma política educacional humanista libertária, a partir de suas experiências como gestor do SESI e, posteriormente, como Secretário de Educação da cidade de São Paulo. Em seguida, fazemos uma respeitosa retrospectiva do seu legado, mediante sua luta por uma educação pública, democrática e popular, contrapondo o atual cenário de barbárie. Por fim, refletimos sobre a práxis política e educacional de Paulo Freire, que se torna referência de luta e esperança, sobretudo para a classe pobre, que precisa sobreviver com a precariedade de recursos oferecidos pelo (des)governo atual.

Paulo Freire e sua atuação como gestor democrático: apontamentos educacionais e políticos

Escrever a respeito da vida e obra de Paulo Freire, nesse momento de ofensiva neoliberal, que atinge de forma escancarada a política educacional em nosso país, nos proporciona lembrar lições importantes acerca do papel do educador e da educação comprometida com a liberdade e a autonomia, bases para a construção de uma sociedade mais justa e humanitária. Nesse aspecto, Freire foi um dos mais célebres pensadores, ao aproximar diferentes saberes, realidades e culturas pelo mundo, sob o viés democrático.

Importante destacar o significado de gestão democrática, antes de realizar o aprofundamento da temática. Ao referenciar a gestão democrática, Cury (2007: 489) vem situá-la como presença obrigatória em qualquer função/trabalho público, sendo uma “forma dialogal, participativa com a sociedade, de forma a refletir sobre cidadãos participantes e ações compromissadas”.

Nesse sentido, pontuamos que o início do trabalho de Freire como gestor do SESI ocorreu antes do seu exílio, no período entre 1954 e 1957. Nessa atuação, ele passou a desenvolver projetos voltados ao EJA, e estimular o diálogo sobre a relação família e escola, docentes e educandos. Paralelamente à sua carreira no SESI, Freire assumiu diversos cargos públicos, incluindo a nomeação como membro do Conselho Consultivo de Educação do Recife, em 1960, e como diretor da Divisão de Cultura e Recreação do Departamento de Documentação e Cultura da capital pernambucana, em 1961 (Gadotti; Abraão, 2012: 11).

O filósofo sempre prezou a escuta em relação à vivência do povo, considerando os círculos de cultura, já que como gestor no SESI atendia à indústria pesqueira, convivendo diretamente com pescadores, operários da indústria e agricultores da indústria açucareira, classes muitas vezes discriminadas e sem oportunidade de desenvolverem uma educação crítica. Nesse diapasão, assinalamos que o SESI, o SESC, o SENAI e o SENAC nasceram com essa tarefa, de prestar serviços voltados ao assistencialismo.

Ainda, é relevante compreender a criação do SESI, visto que, além de ser lócus das ações iniciais de Paulo Freire, foi também cenário expressivo de disputas por projetos societários (Iamamoto, 2004). Segundo Ana Maria Freire (2006), Paulo começou a trabalhar nesse espaço mesmo sendo um ambiente permeado por ações contrárias aos seus princípios. No entanto, foi lá que ele pôde se aproximar dos trabalhadores urbanos, rurais e pescadores, defendendo o pensamento pedagógico caracterizado pelo diálogo, pela criticidade e pela transformação social. Segundo o próprio Freire (1980), no SESI, foi possível dialogar com a classe trabalhadora, a fim de compreender

suas perspectivas, necessidades e linguagem, concretizando o seu papel de educador para a realidade, conforme descrito a seguir:

E fui me fazendo, na prática, um educador. E fui aprendendo, desde aquela época, a exercer uma prática de que não me afastei até hoje: a de pensar sempre a prática. (...) Foi o pedaço de tempo da minha vida em que me abri para esse trabalho, mesmo que não chamasse na época "Educação Popular". Mas foi ali que fui selando um compromisso (Freire, 1980: 8-9).

As primeiras obras freirianas foram originalmente publicadas em 1959, no Brasil, sendo reelaboradas e expandidas nos livros: "Educação como prática da liberdade" e "Pedagogia do oprimido", oferecendo uma crítica contundente ao assistencialismo da época. A partir de sua experiência no trabalho assistencial no SESI, Paulo Freire formulou uma apreciação que transparece claramente em suas análises, quando aprendeu a dialogar com a classe trabalhadora, urbana e rural, sendo convidado a discutir o processo educacional em si, de forma pedagógica (Beisiegel, 2010). Dessa forma, Freire se tornou pedagogo e filósofo da educação, ao discutir, refletir e pensar a prática educativa, relatando suas experiências vividas. Inclusive, a obra "Pedagogia do oprimido" não poderia ter sido escrita só por sua passagem pelo SESI, segundo as palavras do próprio mestre, já que tal aprendizado teria sido "indispensável à sua elaboração" (Freire, 1980: 36).

Ainda sobre a experiência supracitada, Ana Maria Freire (2006) pontua que, apesar da ideologia oculta do SESI, este foi um recinto onde Freire pôde revelar sentidos que contribuíram para uma pedagogia mais humana, centrada nas necessidades dos indivíduos. Nesse período, o pedagogo realizou uma pesquisa com 1.500 famílias do SESI, obtendo, como resultados, a confirmação das violências sofridas nesse seio, por meio de castigos físicos. Por outro lado, havia um paradoxo, nas áreas praieiras, onde o castigo sumia e caía na licenciosidade. Nesse local, de pescadores, a relação pai-autoridade-liberdade era total a permissividade, sendo para Freire um resultado triste para ambos os lados.

A prática de Freire como gestor no SESI gerou diversas consequências positivas na história da educação, pautadas na tônica do diálogo e da escuta.

Em geral, as ações eram baseadas em orientações direcionadas aos educadores e às famílias, no intuito de conduzir reuniões, de modo que todos pudessem expressar sua opinião e ouvir o outro.

Através das orientações que permeavam seu trabalho, Freire acastelava uma escola democrática, estimulando a curiosidade crítica dos educandos, de forma que os conteúdos não fossem transferidos simplesmente pelo método bancário, que por sua vez prioriza os depósitos de conhecimento sem qualquer correlação e diálogo com a realidade. Tal fato diz respeito ao processo de alfabetização, cuja educação tradicional seria baseada no ato mecânico de depositar palavras, letras e sílabas, sempre de forma desconectada do mundo e das coisas que os nomeia, “limitando-lhes o poder de expressão, de criatividade, se tornando instrumentos domesticadores” (Freire, 1996: 11). Essa seria uma das principais críticas de Paulo Freire, denominada como “educação bancária”, que reproduz estratégias de opressão e de dominação de uma classe social sobre outra (Freire, 2001).

Em síntese, ressaltamos que a passagem de Freire como gestor público, no SESI, lhe trouxe a oportunidade de implementar uma proposta inovadora, democrática e participativa, sendo este pensamento interiorizado somente por aqueles que buscam promover o bem-estar dos membros de uma sociedade sem tanta desigualdade, sofrimento e dor.

Em relação à passagem de Freire como Secretário da Educação no Estado de São Paulo, em 1989, mais uma vez, o educador se mostrou humilde e alegre em assumir a função, em prol do êxito do sistema escolar do Brasil, ocupando esse posto até 1991. Na educação paulistana, Freire se pautou na crença, no respeito e na tolerância com os diferentes, ao fomentar a humanização de todos(as), independente da sua classe social, idade, gênero, orientação sexual, local de nascimento ou moradia. Portanto, “centrava-se apenas na dignificação das gentes, como corporificação da humanização verdadeira” (Freire, 2021: 15).

Convidado ao cargo de secretário pela primeira mulher prefeita do município de São Paulo, Luiza Erundina de Souza¹, Freire prezou pela liderança “democrática-popular”, em defesa da transformação social que permita “governar por meio dos conselhos” (Néspoli, 2013: 33). Desse modo, junto a movimentos organizados na cidade, criou o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da cidade de São Paulo (MOVA-SP), programa de fundamental importância para compreendermos o método político-pedagógico e o trabalho de Freire em São Paulo (Néspoli, 2013).

Nesse sentido, o MOVA não era concebido, portanto, apenas como um programa educacional de combate ao analfabetismo, mas como um movimento de eminente caráter político, à medida que procurava desenvolver a conscientização dos envolvidos, enquanto incremento da luta popular, concomitantemente ao processo de alfabetização (Freire, 2000). Freire extrapolava os limites de seu gabinete, visando ultrapassar os preceitos burocráticos e administrativos. Trazia como crença uma forte necessidade de participação direta da sociedade nas escolas, com a percepção de que todos os que atuam na escola são importantes, sob a convicção de que uma escola pública popular, acima de tudo democrática, deve permitir o acesso e propiciar a participação de todos no Projeto Político Pedagógico (PPP).

Para o seu planejamento, é preciso focar no trabalho coletivo e envolver pesquisadores(as) de universidades e professores(as) de diversas áreas, compondo uma consultoria de alto nível, sem encargo para Secretaria Municipal de Educação (SME), com o objetivo de discutir hipóteses de projetos experimentais e de mudança curricular. Assim, discutem-se sobre questões basilares, como, por exemplo, as problemáticas da evasão e da repetência, considerando que não é possível permanecer com uma escola que expulsa educandos, sendo inadmissível uma instituição que adota esse tipo de ações (Freire, 2021). A partir de tais colocações, percebemos que esse trabalho não pode ser realizado sozinho, com poucas pessoas e uma única

¹ Assistente social e política brasileira, filiada ao Partido Socialismo e Liberdade e atualmente Deputada Federal pelo Estado de São Paulo.

visão das situações. Nesse sentido, os princípios da gestão de Paulo Freire destoam da atual política de Bolsonaro.

Em 1991, Freire delegou sua função na secretaria de São Paulo ao professor Mário Sérgio Cortella (Aguiar, 2011), que por sua vez deu continuidade à proposta freiriana, mantendo, inclusive, a mesma equipe, mudando apenas a chefia de gabinete, que passou a ser conduzida pela professora Sonia Maria Portella Kruppa. Com o passar dos anos, as administrações posteriores desconstruíram a maioria das políticas implantadas por Freire e por toda a sua equipe da educação municipal (Franco, 2014).

Ainda assim, atestamos que Freire deixou um patrimônio muito rico para sociedade e para o futuro das pesquisas educacionais, uma vez que sua experiência como gestor propiciou o desenvolvimento de projetos de gestão democrática no setor educacional, além de outros âmbitos gerenciais. Basicamente, podemos afirmar que Freire buscou uma gestão baseada na participação de todos, com a efetiva intervenção dos sujeitos sociais, no sentido de “viabilizar um projeto de educação como instrumento de emancipação social, comprometimento com a universalização de direitos e com a justiça social” (Freire, 2021: 29). Esses aspectos são essenciais para a resistência intelectual mediante tempos obscuros, em direção ao “inérito viável²”, para construirmos uma sociedade mais justa e fraterna.

Centenário de Paulo Freire: reflexões e perspectivas

Nesse tópico, suscitamos os principais aspectos da Pedagogia Freiriana, sem olvidar do obscurantismo atual que assola os setores da sociedade e da educação brasileiras. No Brasil e no mundo, Paulo Freire é lembrado por seu legado que inspira uma educação libertadora e transformadora da realidade, em virtude de seu pensamento (ainda contemporâneo) que engloba a teoria

² É algo não claramente conhecido e vivido, mas que pode ser percebido e destacado pelos sujeitos que pensam utopicamente, sendo que o sonho pode se tornar realidade, por meio de superações.

e a prática docentes, bem como o processo de ensino e aprendizagem dos educandos. No entanto, o contexto político³ que vivenciamos vem mostrando constantes imposições negativas, por aqueles que defendem a utopia de impedir a emancipação da sociedade por meio da educação, por meio de atitudes e de ações totalmente antidemocráticas.

Sobre a situação educacional atual, advertimos que o ensino superior não fica aquém da educação de base. Nos últimos anos, notamos severos cortes em bolsas de estudos e em verbas destinadas à ciência e pesquisa nas/das instituições federais, empecendo grande parte dos estudos nacionais. Nesse cenário, pesa o sentimento de incerteza em relação ao futuro educacional do país.

Diante dessa exposição deprimente, ainda é possível ter esperança e continuar sonhando, como o próprio Paulo Freire sempre enfatizou em seus textos. Podemos democratizar o nosso Brasil por meio da educação, livrando-nos dos clientelismos, dos elitismos, dos colonialismos, das corrupções, dos desprezos ao povo, dos apoderamentos das coisas públicas (Freire, 2006) e da figura do salvador da pátria (Mito).

Tal cenário ameaçador, e ainda sob efeitos de uma crise sanitária, oriunda do Covid-19, gera desafios significativos à sociedade. Segundo Morel (2021), o negacionismo e o obscurantismo experienciado, a circulação avassaladora de *fake news* e os ataques à ciência estimulam o crescimento da extrema-direita. Assim, resta-nos o enfrentamento de difíceis questões, refletindo sobre tais problematizações com base no trabalho democrático e na extensa obra freiriana. O que Paulo Freire sempre trouxe como princípio, e lutou por todos à sua volta, é totalmente contrário ao projeto de poder atual, movido por interesses próprios, ao desdenhar sobre as instituições propagadoras do pensamento de esquerda e nomeados como comunistas.

Freire foi um dos intelectuais brasileiros que conseguiu captar os anseios dos oprimidos e fazer disso uma bandeira de luta, pois tinha a capacidade intelectual de organizar o conjunto dos trabalhadores, na década de 1960,

³ Período iniciado em 01 de janeiro de 2019, com o capitão reformado, Jair Messias Bolsonaro, 38º presidente do Brasil.

para refletir sobre a situação em que viviam. Desse modo, enquanto instrumento de luta política, surgiram os movimentos de cultura popular. Os diversos estados brasileiros, em particular, o estado de nascimento de Paulo Freire, Pernambuco, é a expressão da produção da cultura popular, como transformadora da realidade.

O atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, questiona frequentemente o título de Freire - Patrono da Educação Brasileira, concedido em Lei (nº 12.612/2012) pela ex-presidenta Dilma Rousseff⁴. O referido tributo ao filósofo foi sugerido pela deputada federal e ex-prefeita de São Paulo (SP), Luiza Erundina⁵, que teve a consciência de mostrar, não só aos brasileiros, mas ao mundo, a importância desse grande educador. Em sua última entrevista televisionada, a deputada expôs ao público sua opinião sobre o assunto, esclarecendo que a intenção de alguns parlamentares contrários a Freire é justamente “condená-lo a um novo exílio, mesmo após sua morte”. A revolta elucidada e as críticas infundadas diante a imagem de Freire transparecem que não são aceitáveis propostas revolucionárias para sociedade, cuja intenção é dar autonomia e capacidade crítica aos sujeitos.

Segundo Gomes (2020), Paulo Freire é o autor que mais conta com reconhecimento no mundo, colecionando títulos dentro e fora do país, tendo influenciado muitos estudiosos da literatura científica que se alinham às pedagogias críticas. No Brasil, os ataques ao educador só reacendem a certeza de que são de indivíduos que não compreendem o real significado de sua obra, de tal modo que seu histórico de vida não apresenta coerência com os propósitos disseminados de um governo autoritário, que ameaça a educação de vários sujeitos (Gomes, 2020; Gadotti; Abraão, 2012).

Em seu período de vida, Paulo Freire foi pedagogo, escritor, filósofo, professor e, acima de tudo, humano. Iniciou seus trabalhos na educação de

⁴ Período de governo: 2011-2016. Dilma foi afastada antes de cumprir seu mandato, por um processo de *impeachment*. É economista e política brasileira, filiada ao Partido dos Trabalhadores e a 36ª Presidente do Brasil.

⁵ Assistente Social e política brasileira, filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e atualmente Deputada Federal pelo Estado de São Paulo. Paulo Freire foi secretário da educação, durante dois anos e cinco meses (1989-1991), sendo sucedido por Mário Sérgio Cortella.

jovens e adultos, incluindo trabalhadores rurais, operários e pescadores ribeirinhos, no Rio Grande do Norte, onde alfabetizou cerca de 300 educandos, em apenas 45 dias. Após essa primeira iniciativa, Freire desenvolveu um método inovador de alfabetização, que foi adotado primeiramente em Pernambuco, mas que depois ficou conhecido em territórios nacional e internacional (Freire, 2001).

É relevante mencionar que apesar de Freire ter permanecido em exílio por 16 anos, pelo fato de seu país de origem ter lhe acusado de subverter a ordem instituída, por querer uma educação que mudasse a realidade das pessoas, ele jamais se ressentiu com sua Pátria, e, ao ser questionado sobre esse período de sofrimento, apenas mencionava de forma afetuosa a alegria de voltar para o “seu lugar ao sol” (Freire, 2001).

Para recordar brevemente o contexto histórico, no início da década de 1980, período de transição política, o Brasil viveu um processo de redemocratização, quando surgiu a Educação Popular como concepção pedagógica. Nesta perspectiva, “as críticas incidiam em torno das relações autoritárias advindas de órgãos centrais, em torno das pressões clientelistas na indicação e investidura de autoridades pedagógicas” (Cury, 2015: 199).

Outro ponto a se considerar é que o sucesso na retomada do Estado de Direito, através da redemocratização política, foi fundamental para que, no processo constituinte de 1987, os representantes das populações afetadas pela ausência de “uma democratização substantiva pudessem inserir e formalizar na Carta Magna princípios e garantias tendentes à declaração e efetivação de direitos sociais” (Cury, 2015: 200).

Na mesma época, Paulo Freire havia retornado ao país, assumindo a frente da Secretaria de Educação de São Paulo. No livro intitulado “Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra”, que representa uma das importantes contribuições da Educação Popular, o autor retrata a educação de jovens e adultos (incluindo camponeses, operários e pescadores), precisamente em 1963. Voltado para classe popular, o educador adquiriu reconhecimento internacional, recebendo diversos convites para a

coordenação de projetos de alfabetização em países africanos, conforme experiências relatadas no livro supracitado (Freire; Macedo, 2013).

Para Freire, não bastava que as autoridades brasileiras buscassem somente o progresso econômico e social do país; ele defendia a política de Educação como base, sendo que, além da alfabetização, era necessária a adaptação dos desfavorecidos ao mundo moderno. Esse olhar especial, que abrangia os indivíduos do meio rural, para que eles tivessem acesso à leitura, à escrita, à convivência social e até mesmo às condições de higiene, o colocou em posição de cidadão participativo e crítico. Gohn (2002) descreve bem essa transição, ao apontar que o surgimento da Educação Popular era pautado em ideais freirianos, estando centrado nos sujeitos, em sua cultura e em suas representações.

Sobre a denominação do que realmente representa a Educação Popular, Freire explicita, em seu livro "Ação cultural para a liberdade", de 2007, que a

Educação Popular é a que, substantivamente democrática, jamais separa do ensino dos conteúdos o desvelamento da realidade. É a que estimula a presença organizada das classes sociais populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, no sentido da superação das injustiças (Freire, 2007: 103-104).

Para Freire, qualquer que seja o espaço formador, o educador/mediador necessita ter ampla responsabilidade, a fim de compreender a dimensão mais profunda do processo de aprendizagem. Assim, a intervenção deve ocorrer como ato consciente dessa metodologia, momento em que o docente intervém para que os alunos percebam a dimensão das coerções sociais que estabelecem as assimetrias entre os sujeitos que detêm ou não o poder (Freire, 2007).

Além disso, a pedagogia freiriana retrata justamente as diferenças que são impostas no meio social, por meio da educação. Freire (2009: 23) postula que "o ato de estudar demanda humildade". Assim, se o sujeito que estuda assume uma posição humilde, coerente com a atitude crítica, ele não se sente diminuído caso encontre dificuldades, reforçando a significação mais profunda do espaço habitado.

Desse modo, devemos reacender os princípios freirianos, diante da situação de negacionismo/obscurantismo da educação e da ciência, sobretudo no ano do seu centenário. Sua grandiosa obra teórica possui incontestável “gentidade posta ao lado de sua epistemologia a serviço de homens e de mulheres de todo o mundo” (Freire, 2006: 18). Segundo Romão e Romão (2020), não se pode deixar de mencionar, porém, que, como todo grande pensador, Freire acumulou adversários, principalmente quando veem a resistência da sua obra como “combate a qualquer forma de violência, de discriminação e de opressão, implantados em governos neoconservadores que se desenvolvem pelo mundo contemporâneo e, de modo especial no Brasil” (Romão; Romão, 2020: 122). A pedagogia freiriana sempre estará presente porque ela considera a realidade da população, valorizando a dialogicidade, a horizontalidade e o conhecimento prévio do sujeito, além de promover a autonomia por meio da ação-reflexão-ação de todos sujeitos, independentemente de sua classe social.

Considerações finais

A partir da realização deste artigo, reforçamos a importância do pensamento freiriano, que pode ser articulado ao processo de renovação crítica no Brasil e no mundo, em decorrência de seu papel como gestor público democrático e de suas contribuições como educador/filósofo da educação. Todavia, é um desafio falar de um grande educador como Paulo Freire, uma vez que ele disseminou uma pedagogia que humaniza relações na nossa (re)leitura de mundo.

Ao longo da história mundial, nunca se comemorou tanto o centenário de um educador como o de Freire, visto que sua obra nos ensina a (re)aprender em tempos obscuros e complexos. Nesse cenário, indagamos por que é tão difícil esperar que alguns governantes venham a gerir de forma democrática um país, tendo a tão sonhada consciência de classe em relação ao povo. Sobre isso, Paulo Freire sempre enfatizou que a nossa formação político-social se consolidou na opressão pela escravatura, pelos senhores donos de terras, pelo alto clero ditas como classes superiores, de forma que

poucos da hierarquia superior podem querer fazer diferente, visto que nos formamos em uma sociedade sem a capacidade de enxergar o "outro" e, de lhe garantir que todos os seus direitos sejam respeitados.

Este estudo é justificado mediante forças políticas reacionárias e obscurantistas de direita que governam no momento, tentando inebriar a imagem de Paulo Freire e retirar seu título de Patrono Nacional da Educação Brasileira. No entanto, em decisão liminar, na semana do seu centenário, a Justiça Federal do Rio de Janeiro proibiu o Governo Federal de praticar qualquer ato institucional atentatório à dignidade do professor Paulo Freire. Na mesma ocasião, a juíza federal lembrou que a liberdade de expressão "constitui direito fundamental" para a estrutura democrática do Estado Brasileiro, mas que ela exige responsabilidade de cada um pelos abusos cometidos.

Nesse sentido, percebemos o desespero do governo em ver a obra de Paulo Freire resistir com o tempo, trazendo alento/força ao povo. O educador e a sua visão do mundo, incluindo formas de pensar e de contribuir para a transformação da realidade por meio de uma educação diferenciada, confirmam perfeitamente o respectivo ditado popular: "as pessoas só jogam pedras em árvores que estão dando frutos, e quanto mais frutos, mais pedras", sendo assim o legado freiriano.

Logo, pela sua visão humanista e democrática, Freire foi taxado como um perigoso subversivo, por ser um educador que não buscava somente alfabetizar os trabalhadores, mas principalmente conscientizá-los, para tirá-los da alienação a qual eram/são submetidos. Em 2021, período de seu centenário, ele se mostra ainda mais forte diante dos ataques, sendo referência e fonte de inspiração para todos/todas que resistem às desigualdades, às misérias, aos preconceitos, sobretudo às repressões políticas sofridas, de um poder que jamais será alinhado aos ideais freirianos.

Refletir sobre o legado de Paulo Freire nos permitiu captar elementos históricos que contribuíram para a renovação do pensamento crítico, além de oferecer elementos aos educadores e indivíduos em geral (incluindo os do poder hierárquico), que atuam em contextos de vulnerabilidade e de

exclusão, para que possam refletir de forma sistemática sobre a realidade social, norteando suas práticas sob a ótica da competência, do compromisso político e da sensibilidade humana.

Além disso, elucidamos a educação comprometida na construção de uma sociedade justa e combatente a todas as formas de opressão-exploração. Nesse sentido, Paulo Freire se eternizou e sempre será atual com seu legado, porque ele é força, esperança, (re)alimento e nos faz pensar que não estamos sozinhos(as) no mundo, visto que temos a capacidade de amar e lutar democraticamente pelo “outro”, falar e saber escutar os silenciados, ter compaixão à dor do próximo e não olhar somente para si próprio. Enquanto houver injustiça e desigualdade, oprimido e explorado no Brasil e no mundo, Paulo Freire viverá!

Referências bibliográficas

AGUIAR, D. R. da C. A proposta de política pública educacional no Município de São Paulo: a (des)construção de uma Escola pública popular, democrática e com qualidade. *Anais do Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação*, São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompletos/comunicacoesRelatos/0132.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2021.

BEISIEGEL, R. C. de. *Paulo Freire*. Brasília: MEC. Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

CURY, C. R. J. A gestão democrática na escola e o direito à educação. *Revista Brasileira de Administração da Educação*, v. 23, 2007. p. 483-496.

_____. O Conselho Nacional de Educação e a gestão democrática. In: OLIVEIRA, D. A. (org.). *Gestão democrática da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 199-206.

FRANCO, D. S. A gestão de Paulo Freire frente à Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1989 - 1991) e suas consequências. *Pró-Posições* (UNICAMP. Impresso), v. 25, 2014. p. 103-121.

FREIRE, Ana Maria Araújo. *Paulo Freire: uma história de vida*. Indaiatuba, SP: Villa das letras, 2006.

FREIRE, P. *Educação e atualidade brasileira*. São Paulo: Cortez, 2001. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4713.pdf>><<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4713.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2021.

_____. *Direitos Humanos e educação libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo*. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire, Erasto Fortes Mendonça. 3 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Política e educação: ensaios*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

_____. *Ação cultural para a liberdade: e outros escritos*. 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, P.; MACEDO, D. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Tradução de: Lólio Lourenço de Oliveira. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GADOTTI, M. *Convite à leitura de Paulo Freire*. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2004.

GADOTTI, M.; ABRAÃO, P. (Orgs.). *Paulo Freire anistiado político brasileiro*. Instituto Paulo Freire e Comissão de Anistia, Ministério da Justiça, SP: Educação e Livraria IPF; Brasília: Comissão de Anistia, Ministério da Justiça, 2012.

GOHN, M. da G. Educação Popular na América Latina no Novo Milênio: Impactos do Novo Paradigma. *Educação Temática Digital*, Campinas: v. 4, n. 1, 2002.

GOMES, M. O. É preciso diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz: Paulo Freire e a Pedagogia da Esperança. *Retratos da escola*, v. 14, 2020. p. 329-339.

IAMAMOTO, M. V. *Serviço Social na contemporaneidade*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MOREL, A. P. M. Negacionismo da Covid-19 e Educação Popular em saúde: para além da necropolítica. *Ensaio - Trab. educ. saúde* 19, 2021.

NÉSPOLI, J. H. S. Paulo Freire e Educação Popular no Brasil contemporâneo: Programa MOVA-SP (1989-1992). *Revista de Educação Popular*, v. 12, p. 30-40, 2013.

ROMÃO, J. E.; ROMÃO, N. P. O centenário Paulo Freire - o legado de uma obra cinquentenária contra os Gabinetes do ódio?. *Revista Unifreire*, v. 8, p. 109-124, 2020.